

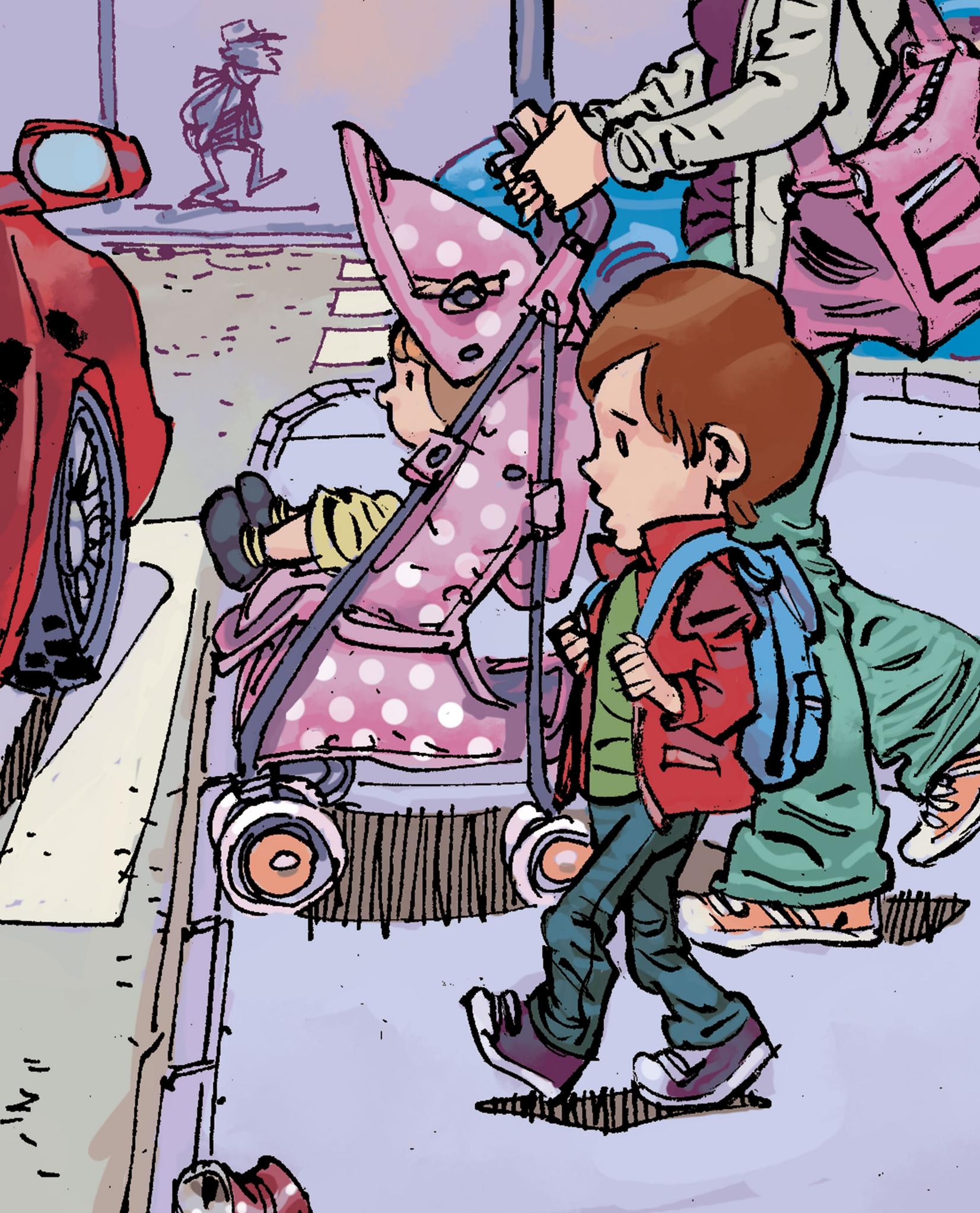
De caras com a realidade

Laura Gómez Lama

Ilustrações de Sergio Bleda

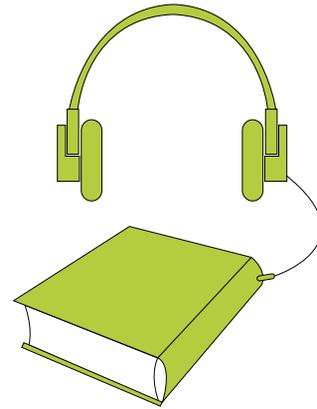
2.º Ciclo





Desfruta deste livro noutros formatos.

Disponível em audiolivro.



Podes ler no teu computador,
telemóvel ou tablet.

Poderás encontrar tudo isto no nosso website.

www.fundacionmapfre.org

De caras com a realidade, 2015.

Edição portuguesa: 2022

Programa de Prevenção e Educação Rodoviária na Sala de Aula no 2.º Ciclo do Ensino Básico.

O Programa de Prevenção e Educação Rodoviária na Sala de Aula é uma iniciativa da Área de Prevenção e Segurança Rodoviária da Fundação MAPFRE, dirigida a todos os níveis de ensino. Tem como objetivo promover boas práticas de segurança rodoviária nas escolas.

A edição portuguesa foi elaborada em 2022 fruto de um protocolo de colaboração com a Direção-Geral da Educação, tendo contado com a revisão técnica da APSI, Associação para a Promoção da Segurança Infantil.

Gestão do projeto: Área de Prevenção e Segurança Rodoviária – Fundação MAPFRE.

Coordenação: Território creativo.

Edição e design didático: La Llave. Gestión y producción cultural.

Design e layout: Rebeca López González e M. Isabel Martínez Jiménez.

Adaptação do design para a versão portuguesa: KICO, Kids Communication Agency.

Revisão técnica da versão portuguesa: APSI, Associação para a Promoção da Segurança Infantil.

Validação Técnico-pedagógica da versão portuguesa: Direção-geral da Educação.

© Do texto: Laura Gómez Lama.

© Das ilustrações: Sergio Bleda.

© Desta edição:

FUNDACIÓN MAPFRE

Área de Prevenção e Segurança Rodoviária

Paseo de Recoletos, 23

28004 Madrid

www.fundacionmapfre.org

Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação ou modificação desta obra só poderá ser feita mediante autorização, salvo nas exceções previstas por lei.

Versão original, 2015

I.S.B.N.: 978-84-9844-545-9

De caras com a realidade

Laura Gómez Lama

Ilustrações de
Sergio Bleda

Ele mal tinha começado a falar, quando a mãe anunciou o acontecimento que mudaria tudo. Até então, a sua casa, o seu quarto, tudo e todos à sua volta pertenciam ao seu reino. Mas a Pilar chegou e Pedro viu as muralhas do seu castelo serem substituídas por um fosso cheio de lama onde já não se sentia seguro.

O seu reino tornou-se numa espécie de ilha, invadida pela lama, onde já não conseguia controlar quem entrava e estragava ou partia as coisas e deixava um cheiro a baba e leite azedo e até cocó e xixi! Quem disse que os bebés cheiram bem?

Pedro também não controlava quem devia sair da sua ilha. Se dependesse de si, aquele monstro de fraldas, que se movia por impulsos e agia irracionalmente, que não parava de chorar por tudo e por nada e não o deixava em paz, nem mesmo quando ia para o quarto para ficar sozinho, teria deixado o seu reino assim que lá entrou.

—O que estás a fazer aqui, pigmeia? Eu disse para não mexeres nas minhas coisas. Vai para o teu quarto!

Apesar de Pedro lhe pedir “gentilmente” para sair, bastava Pilar choramingar um pouco para que um dos pais aparecesse imediatamente obrigando-o a deixar a irmã entrar. E não era apenas isso. Ele também tinha que cuidar e brincar com ela. Brincar! Ficaram loucos ou quê? A que poderia brincar com aquela arma de destruição em massa? Queriam que lhe emprestasse os seus brinquedos para que os partisse um atrás do outro? Pilar não sabia fazer nada!

Tinha realmente a impressão de que essa miúda tinha feito com que os seus pais e o resto dos seus antigos súbditos adultos caíssem numa espécie de feitiço que os tornara tolos. Era como naquela história do tocador de flauta que encantava os ratos com a sua música e os levava até ao rio para morrerem. Aquela bruxa em miniatura tinha levado todos os adultos para o fosso de lama que agora cercava o seu antigo reino, e lá os deixara: enfeitiçados com o som do seu balbuciar.



Agora que Pedro aprendia coisas importantes todos os dias e rapidamente, já ninguém ligava às suas conquistas. No entanto, qualquer coisa insignificante que a sua irmã fizesse era recebida com o maior entusiasmo.

—Pedro, vem ver o que a tua irmã está a dizer.

“A dizer?” pensou ele enquanto olhava espantado para a mãe.

—Vê como a minha bebé diz “Pedro”. Peeeeeeeedro. Peeeedro... Pedro! Peeee... Peeee... Peeeedro.

A mãe podia passar horas e horas nisso... Um dia atrás do outro... E mais outro. Até que, finalmente, numa manhã de verão, Pilar conseguiu. Pelo menos, foi o que a mãe disse, porque o Pedro achou que o que saiu da boca da irmã não foi o nome dele.

—Pedro, querido, a Pili disse o teu nome. Vem! Corre! — disse, pondo-o à frente da irmã. — Como se chama o teu irmão? É Pe...

—Pero — disse ela, com dificuldade.

—Muito bem! — disse a mãe aplaudindo. — Viste? Ela disse o teu nome.

—Ela disse “pero”, mãe — respondeu o menino, com os olhos fechados.

—Pero — disse a irmã, satisfeita, esperando algumas palmas ou outra demonstração de carinho da parte dele.

—É “Pedro”, não “pero”! — gritou ele, muito irritado.

—Pero! — gritou ela também.

Pedro sentiu as bochechas a começarem a ficar quentes com a raiva que sentia e, embora a mãe lhe explicasse que a irmã era pequena e ainda não conseguia dizer a letra “d”, ele só pensava na vergonha que passaria no parque quando a irmã lhe chamasse “pero” e todas as crianças comesçassem a rir.

—Pero! — insistiu ela, aguardando ainda a aprovação do irmão. Pero! Pero! Pero!

O miúdo saiu a correr e, já no quarto, chorou inconsolável a um canto e decidiu planejar a sua vingança. Passado algum tempo, Pilar chegou, e quando o viu tão triste, disse:

—Ea, ea, ea,...

—Deixa-me em paz — disse Pedro, subindo para a cama o mais longe possível, onde ela não conseguia chegar.

Ao jantar, o pai pediu-lhe que apanhasse o guardanapo que a irmã tinha atirado, o que o irritou muito, pois tinha de se levantar para apanhar tudo o que a irmã deitava ao chão. Foi então que decidiu pôr em prática o seu plano.

—Toma, Pimi — disse Pedro com um tom estranho — o teu guardanapo.

—Querias dizer “Pili” — disse o pai.

—Não, Pimi — respondeu.

—Mas é Pili, de Pilar.

—Não, é Pimi, de Pimenta. Ela não me chama Pero? Então eu vou chamar-lhe Pimenta. Pimenta! — disse ele à irmã, que, aparentemente, deve ter achado muito engraçado, pois começou a rir — Pimenta! — disse ele outra vez antes que Pilar começasse a rir novamente.

—Daqui a pouco já te explico — disse a mãe ao pai enquanto abanava a cabeça de um lado para o outro.

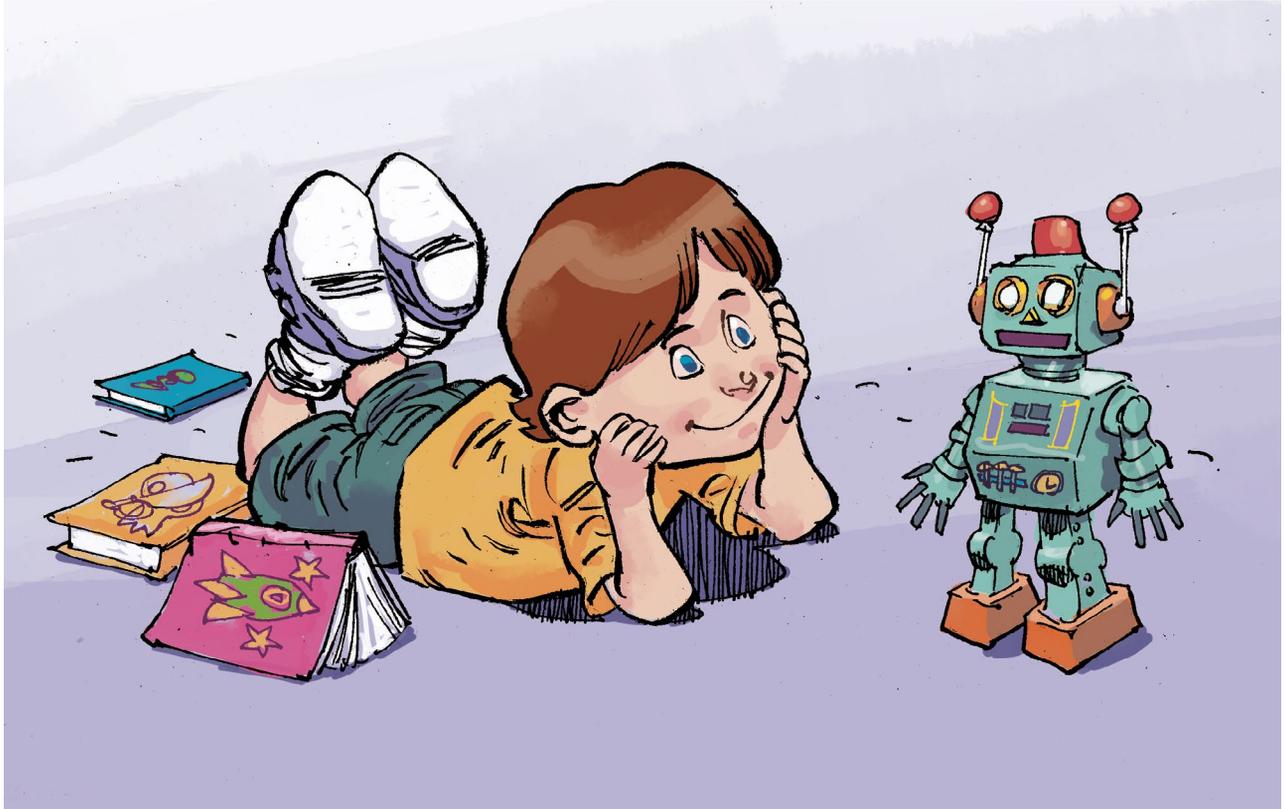
Pedro estava a olhar para a Pimenta e a pensar como a irmã tinha crescido desde o dia em que a sua vingança não resultou, porque em vez de ficar aborrecida, a Pilar - Pili para os amigos e Pimi para os melhores amigos — aceitou essa alcunha que lhe assentava que nem uma luva. Ela nem se ofendeu quando Pedro, de propósito, a chamou assim aos gritos no parque. Sabia que ele estava a tentar chateá-la e, às vezes, zangava-se com as provocações. Mas lembrou-se do que os pais lhe tinham dito sobre a origem dessa alcunha e trouxe novamente à baila o antigo nome do irmão, só que agora precedido por “cara de”...

—O que queres, cara de pero? — gritou ela, junto das amigas, todas sentadas na areia a rir de Pero... Desculpa, Pedro.

Claro que a irmã era uma chata e tentava sempre envergonhá-lo. Mas o pior era que ela também o imitava. Se ele comesse um gelado, ela também tinha que comer um. Se ele quisesse ver televisão tranquilamente, bastavam dois segundos para que ela se sentasse ao seu lado e perguntasse:

—O que estás a ver?

—Um filme...



—Qual filme?

—Começou agora mesmo...

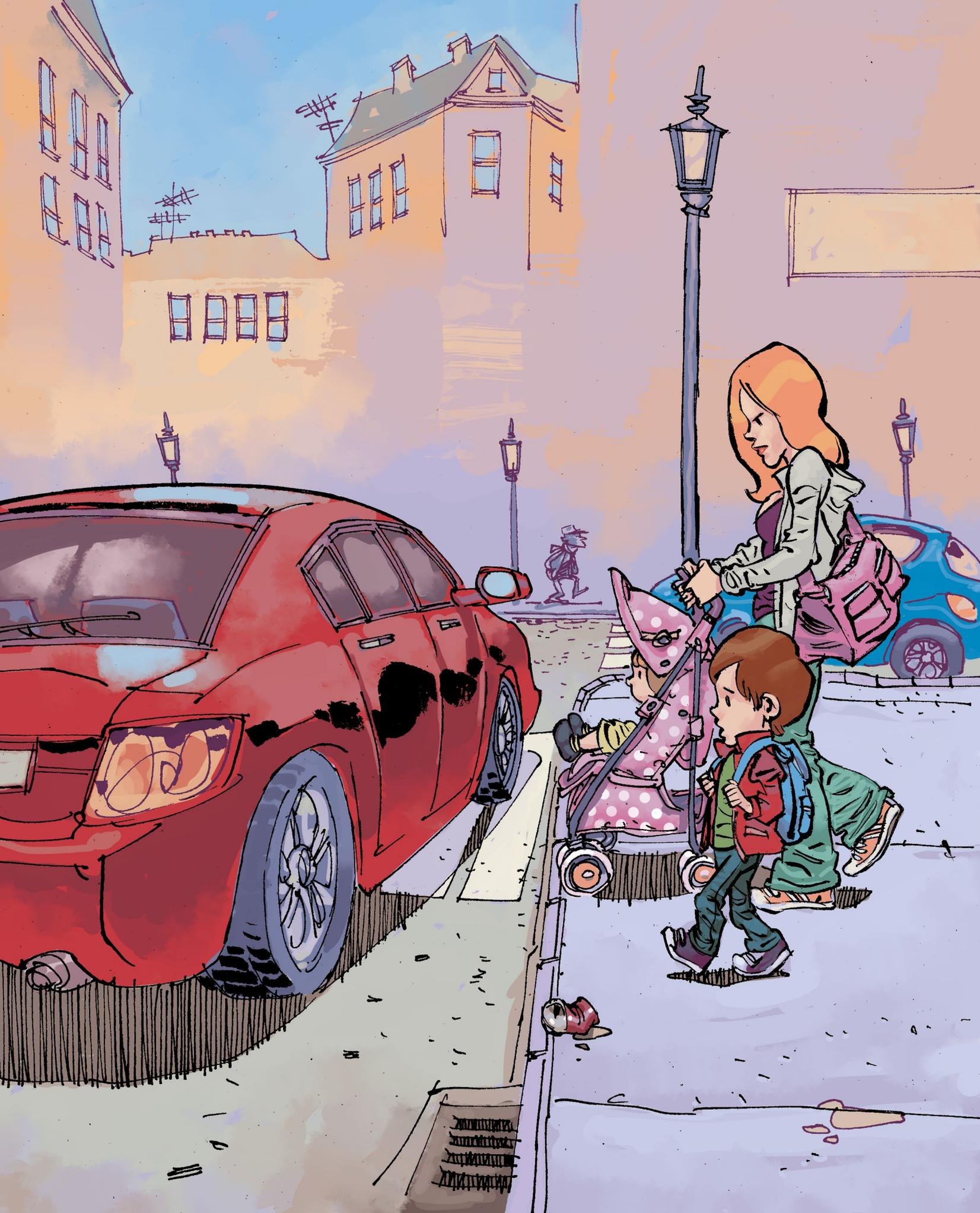
—Quem é esse?

—Alguém.

—É bom ou mau?

E assim por diante, até que ele mudava para um filme de princesas, e ia ler para o quarto. Era sempre assim desde que a Pimenta deixou de ser bebê e começou a pô-lo maluco com tantos porquês e tanta imitação. Parecia que ele tinha um papagaio agarrado ao pescoço. Então, não teve outra escolha senão dedicar-se à leitura, que era a única atividade, além dos trabalhos de casa que a mãe obrigava a irmã a respeitar, porque, segundo ela, todo o conhecimento sobre a humanidade e todas as invenções estavam nos livros.

Per... Pedro adorava livros de aventura, de monstros e do espaço. Antes, quando era mais pequeno, Rüdiger era o protagonista de todas as suas fantasias. Dizer que era o seu brinquedo preferido seria mentir, pois Rudy era o melhor dos seus amigos.



Os pais deram-lho num Natal, quando Pedro já era “crescido para brinquedos” — como dizia o pai — por isso não esperava recebê-lo do “pai Natal”, apesar de o ter pedido. No entanto, na manhã seguinte, o presente estava debaixo da árvore.

Pedro recebeu-o com tanta alegria que toda a família ficou feliz, até mesmo a mãe que, quando viu Pedro tão entretido nas suas aventuras espaciais, olhou pelo canto do olho para o pai, lembrando-se de como ele tinha reclamado na véspera sobre o robô entrar na vida deles.

—Muito crescido... — murmurou ela, abanando a cabeça enquanto olhava para o marido.

Para a mãe, Rüdiger não era apenas um brinquedo, pois apreciava a relação que as crianças estabelecem com as suas coisas. Além disso, podia ser um apoio para a educação do filho mais velho, uma espécie de aliado, porque o robô incluía várias lições sobre como ser “um cidadão modelo”.

—O que é um “cidadão modelo”? — perguntou Pedro nos primeiros dias, quando não conseguia parar de ouvir tudo o que Rüdiger guardava na memória.

—Um cidadão exemplar — respondeu o pai.

—E o que é um “cidadão exemplar”? — perguntou Pedro, depois de um momento de reflexão.

—Bem, é um cidadão que dá o exemplo — disse o pai de novo.

—O que dá o exemplo?

—Dá exemplos do que deves fazer para seres um bom cidadão.

—Cidadão?

—Sim, cidadão, uma pessoa que vive na cidade.

—Então o avô e a avó não são cidadãos? Porque eles vivem numa aldeia...

—Um bom cidadão é aquele que tem uma conduta irrepreensível numa cidade ou aldeia — gritou a mãe do quarto da Pilar.

—Conduta, mãe? — disse Pedro enquanto entrava no território inimigo. — Como uma conduta de ar?

—Não — disse ela, esforçando-se para não rir — deixa-me procurar outra palavra.... É uma pessoa que anda pelas ruas a fazer tudo o que o Rudy diz: que atravessa nas passadeiras, que não atira pastilhas elásticas para o chão... Assim serás um “cidadão modelo”. Ou seja, uma pessoa que todos gostariam de ser, pois faz as coisas corretamente.

—Que coisas?

—Ah! — suspirou a mãe, e dessa forma, Pedro percebeu que tinham acabado as explicações. — Bem, as coisas que o Rudy diz.

Assim que Pedro voltou para o seu quarto, sentou-se à frente do robô e ficou muito tempo a ouvir as suas explicações. Ouviu-as tantas vezes que as decorou e, embora tudo fizesse sentido quando estava sentado no chão do quarto à frente do seu brinquedo, quando saía para a rua e observava os comportamentos das pessoas, era um verdadeiro caos.

Imaginava que, além de ser uma pessoa e um cidadão, era um peão e devia andar no passeio, mas havia ruas onde os carros estavam lá estacionados e não deixavam o pai passar quando ia com o carro das compras ou quando a mãe empurrava Pilar no carrinho. Ao princípio, ele pensava que, por estarem com um carro de compras ou um carrinho de bebé, os pais e a irmã deixavam de ser peões e passavam a ser condutores, e por isso deveriam sair do passeio. Mas, das explicações de Rüdiger e dos “elogios” que a mãe fez aos donos dos carros, ele deduziu que eram eles que não conheciam bem as regras.

No entanto, quando perguntou ao pai como era possível tirar a carta de condução sem se conhecer as regras, o pai respondeu-lhe que era impossível. Pedro continuava sem perceber como, mesmo sabendo que não deveriam estacionar ali, os condutores continuavam a pôr os peões em risco.

Era uma coisa que não lhe entrava na cabeça: porque é que as pessoas, em geral, não cumpriam as regras? Depois de muito perguntar e observar, percebeu que era “uma pescadinha de rabo na boca”, uma expressão que a mãe usava muito... Se os peões não conseguem usar o passeio, andam na estrada. Se os carros não encontram estacionamento, sobem os passeios. Se as pessoas não comprassem tantos carros e houvesse um maior equilíbrio entre o espaço para as pessoas e os lugares de estacionamento, haveria espaço para tudo e para todos nas ruas. Para isso, as pessoas teriam de partilhar os seus carros com outras famílias quando fossem para o trabalho ou para a escola, como tinha visto em alguns filmes. Mas isso só acontece em Nova Iorque, porque em Madrid todos querem ter o seu próprio carro e, é claro, numa cidade onde temos de viver cada vez mais alto porque já não há espaço, é impossível esperar que haja estacionamento para todos. Se estivéssemos a falar de bicicletas ou até mesmo de motos, mas de carros!



Pedro pensou em tudo isto, anos mais tarde, enquanto estava no autocarro com os pais, tranquilamente sentado a observar os carros a ocuparem todas as faixas da Rua Alcalá.

—Percebes por que temos de usar os transportes públicos? — perguntou a mãe à Pimenta.

—Porquê, mãe?

—Porque isto é o que acontece quando toda a gente sai de carro para ir para o mesmo lugar. Há engarrafamentos.

—Nós também estamos presos no trânsito — comentou Pedro.

—Sim, mas se todos fizessem como nós, não estaríamos.

—Estaríamos presos de qualquer maneira, só que dentro do autocarro.

—Se todos usássemos o autocarro, passaria um a cada cinco minutos — disse a mãe.

—Porque não proíbem os carros? — acrescentou Pedro, que já começava a perceber que o “cidadão modelo” era como o super-homem, ou seja, um ideal.

—Pelo menos não temos de encontrar estacionamento — disse o pai sem que ninguém pudesse contradizê-lo.

No entanto, à medida que o tempo passava, o que mais chocava Pedro não era o facto de as pessoas ignorarem as regras, mas que os seus próprios pais — que o faziam esperar uma eternidade ao sol até que o semáforo para os peões ficasse verde e o obrigavam a aguardar, se o sinal piscasse para avisar que ia mudar — atravessassem com o vermelho ou se apressassem ao ver o sinal verde a piscar mesmo antes de chegarem à passeadeira. Quando perguntou porque faziam isso, disseram com pressa, como se não tivessem outra escolha e, nesse caso, pudessem ignorar o Código da Estrada. Então, Pedro insistiu:

—Mas está certo ou errado?

A resposta foi clara: era errado e as crianças não deveriam fazê-lo em caso algum. Razão pela qual, à medida que foi crescendo e sentindo-se mais adulto, Pedro começou a permitir a si próprio essa e outras exceções à semelhança dos pais. O problema era que a ideia que tinha sobre si, agora que tinha onze anos e já se sentia adulto, não era real. No entanto, a forma como ele via a irmã mais nova era acertada. Sobretudo quando ela queria fazer as mesmas coisas e ele tinha de a repreender, não percebendo que ela estava apenas a fazer o mesmo que ele quando os pais não estavam presentes. Ela, com nove anos acabados de fazer, também se considerava suficientemente adulta.

É curioso como vemos as coisas de forma tão clara quando acontecem com outra pessoa e como ficamos cegos, perante a mesma realidade, quando acontece conosco. Não a conseguimos ver até darmos de caras com ela.

Rüdiger, como qualquer amigo, passou por várias fases na vida de Pedro. Depois de aprender os comportamentos na rua sem questionar o que o seu amigo dizia, começou a desligar-lhe o som para viver as aventuras imaginárias do planeta Zebra, onde as regras do Código da Estrada eram cumpridas sem ninguém fazer perguntas. Uma das mais importantes era a que os seus vizinhos na vida real mais violavam: proibido parar no passeio à conversa impedindo a passagem dos outros. No planeta Zebra seriam punidos com dez anos de prisão e dez beliscões por dia. O que ele não compreendia era como, no planeta Terra, os seus vizinhos ficavam impunes.



Outra regra cujo incumprimento nunca teve consequências na Terra, e era ainda mais irritante para todos, era ignorar as regras relacionadas com os cães. Todos os dias se deparava com as mesmas pessoas, que soltavam os seus cães enormes que deixavam cocó por todo o lado. Uma vez, um desses cães atirou a Pimenta ao chão e, embora ela não fosse a coisa mais importante para ele, o Pedro ficou muito irritado com o dono e disse-lhe que deveria levar o cão na rua com uma coleira, ao que o senhor respondeu:

—Cala-te, pirralho! — e foi-se embora todo satisfeito.

Pedro queria insultá-lo, mas também tinha medo de o fazer. Além disso, lembrou-se que se devem respeitar os mais velhos e perguntou a si próprio se os mais velhos também não deveriam respeitar as crianças. Aparentemente não, porque o dono do cão lançou-lhe alguns insultos e nenhuma das pessoas que assistiam disse alguma coisa. Por isso é que ele ponderou banir os cães no planeta Zebra. No entanto, ele gostava de cães pelo que pensou proibir os donos dos cães. Mas isso não lhe parecia possível, pois lembrou-se da tia Paloma e do seu cão Isidro, que se comportavam de acordo com as regras. Finalmente, decidiu que manteria as regras da Terra, só que ninguém ficaria impune por mau comportamento. Nesses casos, mudava-se o cão para uma família que soubesse cuidar dele, e o dono não poderia ter nenhum animal até prestar dez anos de trabalho comunitário apanhando cocó de cão e pastilhas elásticas do chão, debaixo das mesas e bancos dos jardins.

Aquela história ficou gravada na memória da Pimenta que, sentada no chão, observava o irmão a defendê-la contra um arruaceiro que tinha o dobro da sua idade e tamanho, não podendo deixar de o ver como uma espécie de super-herói com quem ela se sentiria sempre segura. Ele até a ajudou a levantar-se do chão! Mas, quando lhe agradeceu, Pedro não lhe ligou, dizendo que não suportava aquele tipo. Ela, no entanto, sabia a verdade. E era que não importava o quanto ela se zangava com ela, pois ela era a irmãzinha do seu coração. Então, depois de ouvir a conversa de Pedro no caminho para casa sobre o que era certo e o que não era, sobre o que Rudy disse e o que as pessoas faziam, a Pimenta decidiu pegar no robô às escondidas para aprender mais sobre o assunto e para que o Pedro ficasse orgulhoso do comportamento.

Houve então um período em que os dois amigos se distanciaram, mas chegou o verão em que o Pedro fez dez anos, e ele e a Pimenta foram passar todo o mês de agosto na aldeia dos seus avós. Lá, ele teve de se conformar em ver todo o seu grupo de amigos a sair de bicicleta para a montanha ou para a lagoa, enquanto ele



ia a pé, chegava quinze minutos depois e, o pior de tudo, levava a Pimenta com ele. Essa miúda nunca mais o deixaria em paz?

A Pimenta, por outro lado, ficou feliz por fazer companhia ao irmão, porque, como ele não sabia andar de bicicleta, tinha sempre de ir a pé para todo o lado. Se não fosse ela, ele teria de ir sempre sozinho. Mas ele era tão atencioso que até se irritou quando, por causa dele, ela quis deixar de ver a sua série favorita, tentando convencê-la de que não era preciso incomodar-se. No entanto, ela ficava feliz por lhe fazer esse favor. Afinal, foi útil para o irmão que tomou conta dela tão bem! Ela não se importava de perder mil episódios, para passar o tempo a falar sobre as coisas que interessavam a Pedro.

No caminho para a lagoa, por exemplo, perguntou-lhe:

—Aqui não há passadeira para peões, o que diria Rudy para fazermos?

—Quando não há uma passadeira, escolhe um local com boa visibilidade para ti e para os condutores. É muito importante veres e seres vista. Deves atravessar em linha reta, com passo acelerado, mas não deves correr.

—E nas esquinas posso atravessar?

—Não é o ideal, mas podes... Os carros têm de reduzir a velocidade quando mudam de direção e costumam passar mais devagar. Têm de ser mais cuidadosos porque pode vir outro carro pela via perpendicular ou peões a atravessar, mas, Pimi, mesmo que haja uma passadeira e um semáforo, tens de parar e olhar antes de atravessar.

—Eu sei: primeiro para a esquerda e depois para a direita, embora às vezes eu fique confusa.

—E mais. No outro dia vi-te descer do passeio e esperar na estrada que um carro passasse para atravessares atrás dele, a correr como uma louca.

—Eu estava com pressa...

—Não importa, não podes fazer isso.

—Toda a gente faz isso.

—Mas nós não.

—O pai e a mãe fazem quando estão atrasados.

—Ah, mas eles são mais velhos e por isso não contam.

—Está bem, vou esperar no passeio.

—E não saís de lá até que os carros parem para te deixar atravessar.

— E se eu parar e não vier nenhum carro?

—Então podes atravessar... Mas não a correr como uma louca.

—Eu não vou correr... Embora a mamã diga que nos traz para a aldeia para podermos correr à vontade.

—Sim — Pedro não conseguiu deixar de rir — mas suponho que ela se refere a lugares como a montanha ou a lagoa.

—Pedro.

—O que é?

—Queres que eu te ensine a andar de bicicleta?

—Não.

—Não sei porque tens tanto medo. É muito fácil.

—Cala a boca! Eu não tenho medo. Não digas isso novamente.

A Pimenta sabia que ele tinha, mas não disse nada, pois percebeu que Pedro estava envergonhado. Ela também não queria que o grupo soubesse que havia uma ótima bicicleta na casa do avô, porque o Pedro tinha dito que eles não tinham nenhuma. Era por isso que ela também não andava, mesmo quando as suas amigas iam à praça de manhã para andar de bicicleta.

Pedro, por sua vez, sabia que não devia impedir Pimi, mas não podia deixá-la dizer nada, e embora confiasse nela, não queria admitir à frente da irmã mais nova que tinha medo e vergonha. Já era suficientemente humilhante ela saber andar de bicicleta e ele não, e seria ainda pior se tivesse de ser ela a ensinar-lhe — logo ela! Será que o disse de propósito?

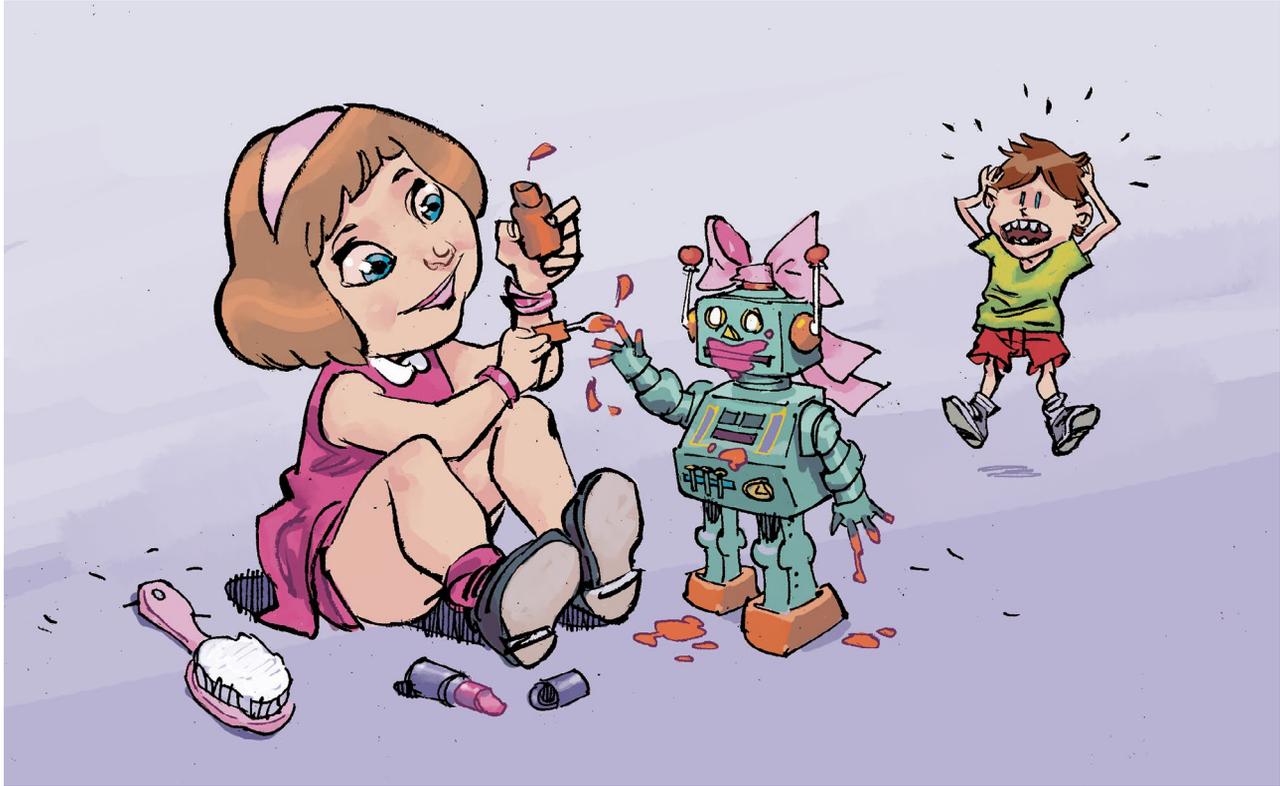
—Eu sei. Apenas disse no caso de... — acrescentou Pimenta, como se estivesse a desculpar-se.

—Deixa-me — disse Pedro, deixando a sua irmã para trás enquanto murmurava.

—No próximo ano eu vou aprender a andar de bicicleta só para não ter de andar contigo.

Na verdade, foi mesmo assim, e mais uma vez ele recorreu ao seu amigo do coração, Rüdiger, para que o ajudasse. Mas, aprender a andar de bicicleta no campo é uma coisa e andar nas ruas de Madrid, mesmo que numa ciclovía ou apenas de casa para o parque, é outra.

Ele pediu aos pais para levarem a bicicleta da aldeia e, em vez de ir para o parque perto de casa, levava a bicicleta pelo passeio até chegar ao Parque do Retiro e lá, anónimo no meio da multidão, juntava-se às outras crianças que também aprendiam



a andar de bicicleta com a ajuda dos pais no Paseo de Coches. Assim, aos 10 anos, conseguiu aprender sozinho a andar de bicicleta. Mais tarde, o desafio foi aprender a lidar com os cruzamentos, pistas para bicicletas (ciclovias), crianças a correr, vizinhos parados no meio do caminho, peões, cães à solta e os seus cocós, bolas que apareciam de repente, bicicletas em ambos os sentidos, ultrapassagens e os desequilíbrios causados por pisos em obras e inúmeras irregularidades no pavimento. Quem melhor do que Rüdiger, escondido numa cesta como se fosse um extraterrestre, para o ajudar com tudo isso? No verão seguinte, ele poderia juntar-se aos amigos na aldeia e deixar a irmã sozinha, pois, por ele ter ficado com a única bicicleta, ela teria que ficar em casa.

Isso deixou Pimi muito triste porque já não poderia passear com o irmão. No entanto, ao contrário do que o Pedro esperava, isto foi sol de pouca dura, pois, embora na aldeia não houvessem os mesmos riscos das cidades, o chão não era alcatroado. Antes da primeira semana terminar, a bicicleta já estava partida, assim como a perna do Pedro.

Aquele verão de calor e aborrecimento para todos também foi um marco na sua amizade com Rudy, pois embora tivesse recuperado e conseguido uma bicicleta

nova, Pedro já não estava interessado nas regras e já passara a idade de brincar com robôs. Mesmo assim, no dia em que percebeu que, pouco a pouco e da maneira mais sutil, Pimenta estava a dar-se bem com o robô, gritou tão alto que era possível ouvir o grito no céu. Ao princípio, Pedro não deu muita importância quando, ao regressar do parque com a bicicleta nova, encontrou o seu melhor amigo com as unhas pintadas de cor-de-rosa. Mas quando quis dizer que aquele brinquedo era só dele, a mãe e o pai envergonharam-no por “querer continuar a ser criança” para algumas coisas, forçando-o a ceder, em frente dos olhos lacrimejantes da irmã... Mais uma vez!

Pedro estava tão chateado com a injustiça da situação que, às vezes, nem sequer notava que estava a vingar-se e, num ato inconsciente de rebelião, começou a opor-se a tudo o que Rudy, a nova princesa robô, lhe tinha ensinado antes de ter as unhas cor-de-rosa.

Então, deixou de olhar de lado para os seus amigos que deitavam papéis ou pastilhas elásticas para o chão e, pouco a pouco, começou a fazer o mesmo com a aprovação dos mais destemidos do grupo, aqueles que no planeta Zebra teriam sido condenados e teriam de limpar os jardins. Depois, começou a cometer infrações em grupo que os colocavam em risco. E não só a eles, mas também aos condutores, que eram obrigados a travar bruscamente em mais do que uma ocasião; e até mesmo aos peões que esperavam pacientemente, numa outra vez em que um rapaz empurrou uma pessoa mais velha, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio. Noutra situação, uma criança pequena que se misturou com o grupo, seguiu-os enquanto atravessavam a rua quando o semáforo estava prestes a fechar, pregando um grande susto à mãe; o motorista do autocarro, que quase teve de subir o passeio; os passageiros do veículo, que bateram uns contra os outros; e os idosos que quase foram atropelados pelo autocarro...

Fugiram disparados a correr para não serem apanhados, deixando todos com o coração nas mãos. Pouco depois, no parque, todos se riram com aquele riso típico das crianças quando querem esconder algo que sabem que fizeram mal, encobrendo-se uns aos outros no anonimato do grupo.

Pedro também se ria e ainda mais alto do que os outros rapazes, pois estava mais envergonhado, pensando no susto que a mãe, ou até ele mesmo, teria apanhado caso aquela criança fosse a Pimenta. Não entendia muito bem porque se sentia as-



sim ao pensar naquela miúda que lhe roubara tudo, mas a verdade é que nem queria imaginar.

Pedro também não percebeu que a sua irmã, sempre atenta aos seus gestos, começou a imitar os seus comportamentos mais insolentes e imprudentes, pois na última vez em que Pimi tinha tentado falar sobre aquele assunto de que o irmão tanto gostava, Pedro tinha-lhe dito que nada do que “a sua robô princesa” lhe tinha ensinado servia.

—Teria sido melhor se eu tivesse ignorado tudo. Não vês que ninguém respeita as regras? Elas só servem para te chamarem nomes.

—Não digas isso à tua irmã — interveio a mãe — queres que lhe aconteça alguma coisa? Não vês que és um exemplo para ela?

—E tu, mãe? — respondeu o rapaz — Por acaso não atravessas com o vermelho quando estás com pressa?

—Bem, eu faço isso quando não há carros.... Além disso, eu sou adulta e tu não deves comparar-te comigo.

—Eu também não sou nenhuma criança – replicou.

—Nem eu — acrescentou Pimenta.

—Cala-te, Pimi — disse ele.

—Não, cala-te tu! E vai já para o teu quarto – disse a mãe para acabar com a conversa.

Em vez disso, Pedro levantou-se da mesa e saiu disparado de casa, batendo com a porta para que todo o universo, incluindo o planeta Zebra, percebesse a sua raiva. Pimenta correu para a janela e viu Pedro a correr pela rua até chegar ao cruzamento onde, na esquina oposta, ficava o parque. Pedro, em vez de seguir a direito e atravessar na passadeira, virando no semáforo, atravessou na diagonal para o outro lado, levando uma buzina de um camião que teve de travar. Quando lá chegou, deu um pontapé num caixote do lixo, com tanto azar que um polícia veio chamar-lhe a atenção. Pedro começou a correr até que nem a Pimenta nem o polícia conseguissem vê-lo.

—O que se passa, Pimi? — perguntou a mãe, vendo-a tão silenciosa à janela — Não liguês ao teu irmão; ele está numa idade em que ninguém o compreende.

—Eu compreendo — respondeu Pimenta antes de se trancar no quarto.

A coisa não durou muito e, alguns dias depois, quando a família passou pelo “lugar do crime”, Pedro percebeu que o caixote do lixo já não estava ali quando o pai foi deitar fora o papel do gelado que estava a comer.

—Olha! Não havia aqui um caixote do lixo?

Pedro olhou para o chão.

—Antes sim. Mas há pouco tempo um miúdo deu-lhe pontapés até ele cair ao chão.

— explicou a Pimenta.

—E ninguém lhe disse nada? — perguntou o pai.

—Sim — continuou ela. Um polícia repreendeu-o, mas o miúdo fugiu.

Pedro não sabia o que dizer perante o olhar de Pimenta, que procurava nos olhos do irmão uma espécie de cumplicidade que ele não queria. A doce e irreverente Pimi, deixou-o desarmado. Por outro lado, ela esperava algo mais em troca do seu segredo: um piscar de olhos, um comentário cúmplice, um “obrigado por não dizeres nada”... Qualquer coisa! Mas não, Pedro olhou novamente para baixo e nunca mencionou nada sobre aquela situação. Então, numa manhã aborrecida de domingo, quando viu o irmão pegar nas chaves, ela decidiu agir.

—Vou para o parque — gritou ele da porta.

—Eu também — gritou ela.

—Não. Não quero ir contigo.

—Ah é? Nesse caso, vou ter de falar com a mãe e o pai sobre um determinado caixote do lixo...

—Ok, ok... Mas vai brincar para outro lado.

Aquela manhã foi muito reveladora para a Pimenta, já que, do seu lugar num banco que respeitava a distância de segurança estabelecida pelo irmão, pôde ver como ele se tornara um rapaz mal-educado e respondão, que dizia palavrões, cuspiava, deitava lixo no chão e ria das pessoas que passavam. Até mesmo dela, quando um dos seus amigos lhe disse que ele tinha trazido o cachorrinho.

De banco em banco, a troca de olhares era digna de um filme em que, depois dessa sequência, algo terrível aconteceria. E assim foi. No caminho para casa, estavam os



dois cheios de vontade de dizer o que pensavam e, depois de um desconfortável silêncio, foi Pimi quem começou.

—Desde quando começaste a ser assim, tão parvo?

—E tu? Desde quando te tornaste uma espertalhona?

—Sempre fui esperta, o que acontece é que tu sempre foste parvo por não notares.

—Ah é?

—É. Na verdade, toda a minha vida encobri a tua estupidez... Quando tu não sabias andar de bicicleta e dizias que não tínhamos nenhuma, eu não andava com ela para te encobrir. Quando tu dizias que ias ao parque e a mãe perguntava por que nunca te víamos, nunca contei que ias a outro lugar porque ficavas envergonhado se alguém te visse a aprender a andar de bicicleta com dez anos de idade, por nunca teres deixado o pai ou a tua irmã mais nova ensinar-te. E todas aquelas tardes em que deixei de ver a minha série favorita para te acompanhar? Graças a mim, não tinhas que ir sozinho.

—Ah, e tu és a espertalhona? Então, como é que nunca percebeste que eras uma chata? Desde que entraste na minha vida, nunca fizeste nada de jeito além de roubar as minhas coisas, a atenção de todos, teres razão em tudo... querias estar sempre colada a mim... vê se percebes: eu só queria estar sozinho com os meus amigos!

—Ah é? Pois olha, eu nunca vi ninguém à tua espera. Fui eu quem passou o verão contigo, não os teus “amigos”. Fica a saber que nem eles, nem os do parque são teus amigos se tiveres que ser tão estúpido como eles para que gostem de ti. Tu não és assim. Eu gostava mais de ti antes.

—Não me importo com o que pensas. És apenas uma criança.

—Tanto como tu.

Pimenta correu para casa, atravessando a estrada na diagonal, como tinha visto o irmão fazer. Ele correu atrás dela, antecipando o pior, ao ver um carro aparecer. Felizmente, após o merecido susto, Pedro conseguiu ver Pimenta sã e salva no passeio, embora estivesse a tremer de medo e com os olhos cheios de lágrimas.

Controlando o seu primeiro impulso, atravessou corretamente, esperando num semáforo que parecia eterno e, quando finalmente chegou ao lado da irmã, não conseguiu conter-se e abraçou-a sem dizer nada.

—Nunca mais faças isso — ordenou depois.

—Não me dê lições, eu vi-te a fazer o mesmo. Achas que és melhor do que a mãe e o pai quando eles te dizem o que deves fazer, mas tu és igual. Achas que és muito mais velho, mas és tão pequeno como eu. Achas que és melhor do que os outros, e o pior é que eu também achava — dito isto, Pimenta deu meia-volta e foi para casa, a soluçar como quando era pequena. — Além disso, tu não me odiavas?

E se alguma coisa ficou clara naquele momento foi que não, ele não a odiava; ele amava-a muito e queria protegê-la de todas as coisas más para que ela continuasse a ser como era.

Naquele dia, tudo mudou para Pedro. Bem, na verdade, aquela conversa não teve consequências imediatas. Pedro não se tornou o mais carinhoso dos irmãos, nem deixou de estar com o grupo de amigos. Nem voltou a querer ser um “cidadão modelo”. Pelo menos, não naquele dia. Foi pouco a pouco, começando por pedir desculpa à Pimenta e passando o domingo seguinte com ela, tirando pastilhas elásticas e recolhendo lixo em todo o parque, como resultado de uma sentença interplanetária. A verdade é que eles não pararam de se provocar, mas passaram um ótimo momento juntos.

A mãe também pediu desculpa por dar um mau exemplo, o que só por si foi uma lição para os filhos. No entanto, o que fez com que o Pedro realmente começasse a encontrar o seu lugar no mundo, focando-se apenas na pessoa que gostaria de ser, foi perceber o poder que exercia sobre a sua irmã mais nova, pela qual deveria ser, como dizia o seu amigo Rudy, um “cidadão modelo”, compreendendo finalmente o verdadeiro significado dessas palavras.

FIM

Laura Gómez Lama, nascida em Madrid, a sua carreira focou-se na redação na área da educação. Trabalhou na imprensa, embora tenha feito a sua formação em Jornalismo, dissertando sobre os clássicos do cinema na rádio. A magia dos media e o poder que a palavra exerce na imaginação não só conseguem inspirá-la, como a hipnotizam até a deixarem "a viajar por outros mundos".

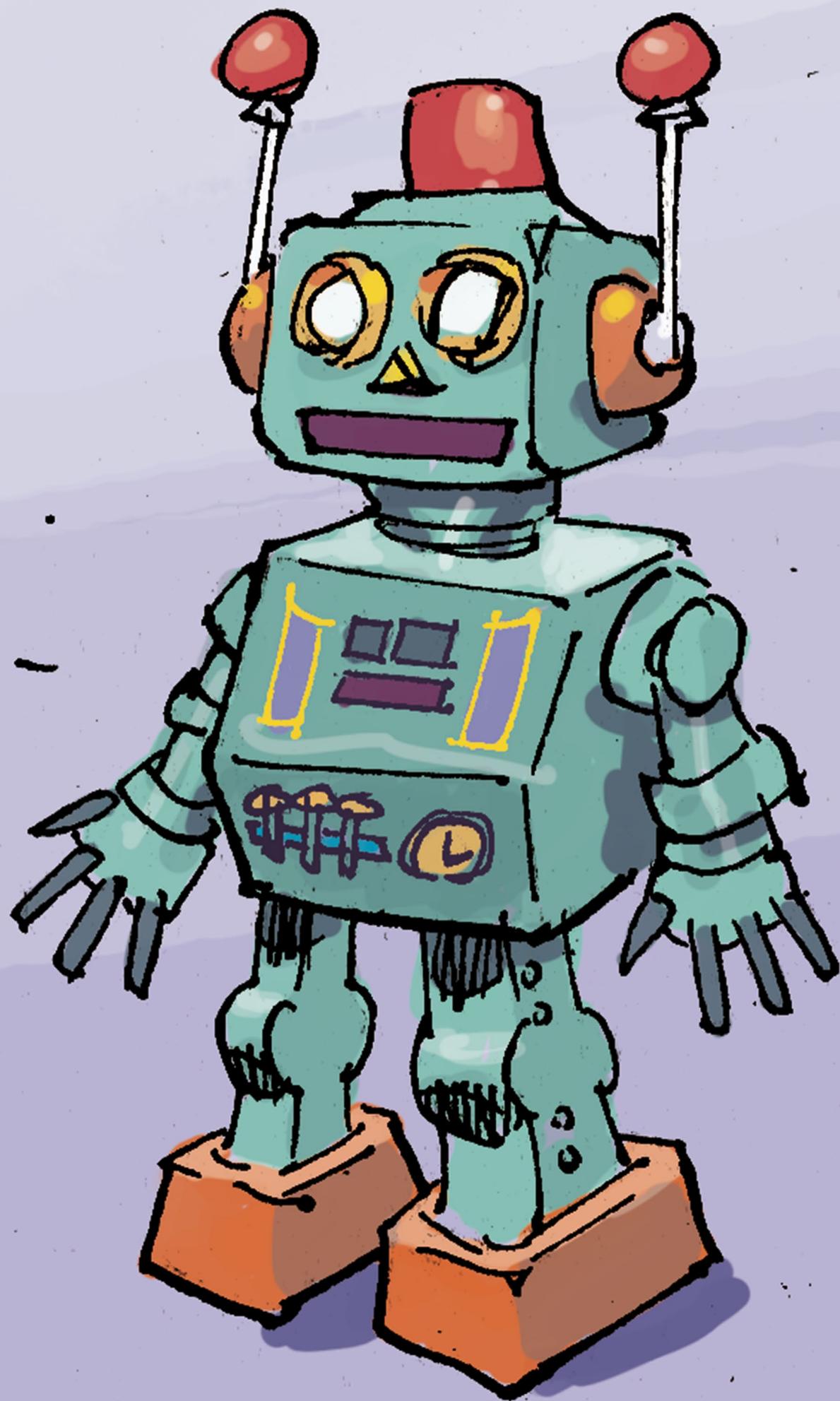
Interessa-se pela literatura infantil e juvenil, vendo-a como "um aliado na transmissão de conhecimento e experiência dos adultos, que por um momento abandonam o seu papel meramente expositivo, sentando-se para conversar em pé de igualdade, dizendo às crianças: isto é o que eu sei, o resto é convosco".

Atualmente coordena a revista Escuela Infantil.

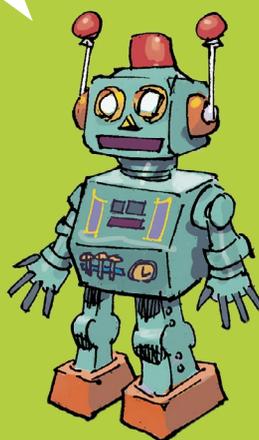
Sergio Bleda, nascido em Albacete, é cartoonista e ilustrador profissional há vinte anos. As suas obras foram publicadas em vários países da Europa e dos Estados Unidos.

Começou a trabalhar como ilustrador e redator em 1991. A sua popularidade surgiu com "El Baile del Vampiro" (A Dança do Vampiro, em tradução literal), série publicada pela Planeta DeAgostini dentro da sua coleção Labyrinth, pela qual foi nomeado para o Prémio Autor Revelação no Salão Internacional de Banda Desenhada de Barcelona em 1998. Esta série e a trilogia "La Conjura de Cada Miércoles" (A Conspiração de Todas as Quartas-feiras, em tradução literal) foram reeditadas recentemente nos Estados Unidos pela editora americana Dark Horse.

Atualmente mora em Valência e continua a trabalhar como cartoonista e ilustrador para os mercados espanhol e internacional.



Continua a
aprender connosco.
Descobre aqui!



Fundación **M**APFRE



Validação Técnico-pedagógica

Revisão Técnica



www.fundacionmapfre.org